

Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira
(Organizadora)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira
(Organizadora)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



A cultura em uma perspectiva multidisciplinar

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 A cultura em uma perspectiva multidisciplinar /
Organizadora Heridan de Jesus Guterres Pavão
Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-974-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.742220702>

1. Cultura. I. Ferreira, Heridan de Jesus Guterres Pavão
(Organizadora). II. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra intitulada “**A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**” tem como foco principal a discussão científica, a partir da integração entre conhecimentos que subjazem as produções escritas, em áreas distintas. O volume aborda de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos que versem sobre a cultura, em contexto com a experiência e formação humana, entre outros temas materializados em pesquisas, relatos de casos e revisões que perpassam seus diferentes percursos, em diálogo com o contexto atual.

Tem como objetivo central trazer à tona questões acerca da cultura, em uma perspectiva multidisciplinar, onde o ser humano é o elemento central de reflexões e ações que se delineiam, ao longo dos vários capítulos. Constitui-se assim, o resultado de iniciativas individuais e coletivas, que abordam temas variados, que perpassam a geografia poética e os devaneios da floresta pandina boliviana, a preservação da memória do rock autoral; a relação da cultura do consumo com a degradação ambiental; o trabalho com as culturas lúdicas, no contexto da alfabetização, no ensino remoto; a Arquitetura e a Poesia Islâmica enquanto artes do mundo muçulmano, responsáveis pelo desenvolvimento de um tipo da música que constitui o Tarab.

Enfoca também, os atravessamentos, afetamentos e as desconstruções que emergem do convívio com estudantes indígenas na graduação e pós-graduação, bem como a falsa consciência, as deformações imaginárias e o cinismo, na ideologia do bolsonarismo; focaliza ainda, a superação de uma crise de paradigmas, enquanto estratégia organizada, por meio de um projeto político pedagógico, baseado na interculturalidade e interdisciplinaridade, para atingir uma autonomia e combater o conservadorismo estatal.

Não menos importante, a fim de que se compreenda as resignificações e resistências inscritas nos modos de ser jovem, em territórios estigmatizados, traz narrativas e experiências de sujeitos artistas, assim como, a contribuição, cooperação e a organização para o enfrentamento das desigualdades sociais e de gênero, a partir da articulação em redes de solidariedades, voltadas ao empoderamento feminino; apresenta também, a compreensão do ser humano como alguém participante do Deus encarnado, descrevendo ainda, o percurso de uma oficina de artes, em modo remoto, voltada para acadêmicos da educação profissional e tecnológica, no contexto de um projeto de ensino.

A obra “**A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**” se materializa, pois, enquanto esforço e iniciativa da Atena Editora, na divulgação da produção científica de diferentes áreas, entre estas, a cultura, por meio de sua plataforma consolidada e confiável, oportunizando a socialização da temática, que se mostra enquanto valor intrínseco à vida humana.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A GEOGRAFIA POÉTICA E OS DEVANEIOS DA FLORESTA PANDINA BOLIVIANA

Francisco Marquelino Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207021>

CAPÍTULO 2..... 11

A HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM MEMÓRIA COLETIVA NA GENA ROCK DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Plácido Oliveira Mendes

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207022>

CAPÍTULO 3..... 23

CULTURA DO CONSUMO: A EMERSÃO DO ATO DE CONSUMIR DENTRO DA CULTURA GLOBAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS AMBIENTAIS

Otoni Marques Moura de Leon

Priscila Pedra Garcia

Karine Ferreira Sanchez

Maiara Moraes Costa

Larissa Medianeira Bolzan

Diuliana Leandro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207023>

CAPÍTULO 4..... 32

CULTURAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Julyara Grace Vieira

Sabrina Maria de Souza Oliveira

Nair Correia Salgado de Azevedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207024>

CAPÍTULO 5..... 48

ESTADOS ALTERADOS DE CONCIENCIA (EAC) EN LA PERCEPCIÓN DE LOS ESPACIOS RELIGIOSOS ISLÁMICOS

Alfredo Fredericksen Neira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207025>

CAPÍTULO 6..... 65

EU, NÓS E O OUTRO: EXPERIÊNCIAS COM ACADÊMICOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE

Daniele Gonçalves Colman

Gustavo dos Santos Souza

Carlos Magno Naglis Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207026>

CAPÍTULO 7	75
FALSA CONSCIÊNCIA, DEFORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E CINISMO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A IDEOLOGIA POR MEIO DO BOLSONARISMO	
André Ranieri Queiroz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207027	
CAPÍTULO 8	89
GENTE DO JEITO DA GENTE – FAZENDO HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA	
Francisco Marquelineo Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207028	
CAPÍTULO 9	99
JUVENTUDE(S) PLURAIS: VOZES JUVENIS DE (RE)EXISTÊNCIAS NO GRANDE BOM JARDIM.	
Leila Maria Passos de Souza Bezerra	
Jamille Rodrigues Braga	
Benedita Beatriz Elias Dias	
Lívia Kelly da Silva	
Rayanne Rodrigues Valentim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207029	
CAPÍTULO 10	121
MULHERES E RESILIÊNCIA: TECENDO REDES SOLIDÁRIAS NO SEMIÁRIDO	
Lourivânia Soares Santo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070210	
CAPÍTULO 11	130
O SER HUNANO A PARTIR DO DEUS DA ENCARNAÇÃO: CONSEQUÊNCIAS PASTORAIS	
Gilberto Dias Nunes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070211	
CAPÍTULO 12	137
OFICINA DAS CORES: DESAFIOS E CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE ENSINO EM ARTES DE FORMA REMOTA	
Amanda Eloise Machado de Souza	
Beatriz da Silva Aquino	
Karen Alves dos Santos Soares	
Paola Teles Maeda	
Wilson Junior Feliciano	
Neirimar Humberto Kochhan Coradin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070212	
CAPÍTULO 13	149
A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E ACESSO À CULTURA POPULAR E	

AO ENTRETENIMENTO DE PESSOAS SURDAS

Clayton Gabriel Pavão Ferreira

Heridan de Jesus G. Ferreira

Thelma Helena Chahini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070213>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 160

ÍNDICE REMISSIVO..... 161

EU, NÓS E O OUTRO: EXPERIÊNCIAS COM ACADÊMICOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 06/01/2022

Daniele Gonçalves Colman

Historiadora. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB Campo Grande - MS
<http://lattes.cnpq.br/8740870335328790>

Gustavo dos Santos Souza

Historiador. Mestrando em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB Campo Grande - MS
<http://lattes.cnpq.br/1067420424070403>

Carlos Magno Naglis Vieira

Historiador. Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB Campo Grande - MS
<http://lattes.cnpq.br/0757780259670322>

Artigo publicado nos anais do Congresso Internacional de Estudos das Diferenças & Alteridade. Anais...São Paulo(SP) Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo, 2021.

RESUMO: O presente artigo apresenta experiências vividas na universidade com acadêmicos indígenas no espaço da graduação e pós-graduação. Amparados em literaturas que aproximam os pesquisadores, ainda em formação, com os povos indígenas, o artigo

parte de reflexões realizadas no grupo de pesquisa Educação Intercultural e Povos tradicionais/CNPq vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, tem como objetivo relatar os atravessamentos, afetamentos e as desconstruções que ocorreram durante o processo de formação no curso de graduação em História e no PPGE/UCDB, em meio aos estranhamentos causados pelo convívio com os estudantes indígenas. Com uma metodologia voltada a observação participante, o texto procura apresentar os fatos ocorridos com os acadêmicos indígenas, principalmente aqueles relacionados ao preconceito, protagonismo, autoria e representatividade, bem como as construções de conhecimento sobre a História e a identidade indígena. Nesse sentido, consideram que os acadêmicos indígenas que circulam pela UCDB compreendem muitas etnias, vários estados do Brasil. São corpos diferentes que transitam, afetam, falam, incomodam mesmo em silêncio. Não são só transitantes no espaço universitário, seus corpos falam, e como falam. Nos ensinaram mesmo quando não respondiam a uma pergunta por fazer parte de um sagrado de sua cultura, ou quando não interrompiam a fala de alguém, ou quando falavam na terceira pessoa, no coletivo, sempre se referiam a seu povo, estavam ali não pelo “eu” mas, pelo “nós”, não pelo “meu”, mas pelo “nosso”. Desta forma, desempenharam um papel fundamental na desconstrução de mentalidade e conhecimentos dos autores, estes construídos a partir de um currículo escolar e cultural monocultural/neoliberal. Afetamentos se não se dão somente nos diálogos com colegas

indígenas, mas do contato com a pesquisa e por meio dela, mas também na leitura de escritos produzidos por esses “outros” indígenas, significativamente os atravessam e que, até então provoca um processo contínuo de construção-desconstrução para uma formação sensível e inter/multicultural.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas. Atravessamentos. Afetamentos. Desconstruções.

ME, WE AND THE OTHER: EXPERIENCES WITH INDIGENOUS ACADEMICS AT THE UNIVERSITY

ABSTRACT: This article presents experiences lived at the university with indigenous academics in the undergraduate and graduate level. Supported in literatures that bring together researchers, still in training, with indigenous peoples, the article starts from reflections carried out in the research group Intercultural Education and Traditional Peoples/Cnpq linked to the Post-program Undergraduate in Education of the Catholic University Don Bosco/UCDB, aims to report the crossings, affects and deconstructions that occurred during the training process in the undergraduate course in History and PPGE/UCDB, in the midst of the estrangements caused by living with indigenous students. With a methodology focused on participant observation, the text seeks to present the facts that occurred with indigenous scholars, especially those related to prejudice, protagonism, authorship and representativeness, as well as the constructions of knowledge about the History and the indigenous identity. In this sense, they consider that indigenous academics who circulate through the UCDB comprise many ethnicities, several states of Brazil. They are different bodies that move, affect, talk, even bother in silence. Not only are they transient in the university space, their bodies talk, and how they talk. They taught us even when they did not answer a question because they were part of a sacred culture, or when they did not interrupt someone’s speech, or when they spoke in the third person, in the collective, they always referred to their people, they were there not by “me” but by “us”, not by “man”, but for “ours”. In this way, they played a fundamental role in deconstructing the authors’ mentality and knowledge, constructed from a monocultural/neoliberal school and cultural curriculum. Effects if they occur not only in dialogues with indigenous colleagues, but in contact with the research and through it, but also in the reading of writings produced by these indigenous “others”, significantly cross them and that until then provokes a continuous process of construction-deconstruction for a sensitive and inter/multicultural formation.

KEYWORDS: Indigenous. Crossings. Affectations. Deconstructions.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta experiências vividas na universidade com acadêmicos indígenas no espaço da graduação e pós-graduação. Amparados em literaturas que aproximam os pesquisadores, ainda em formação, com os povos indígenas, o artigo que parte de reflexões realizadas no grupo de pesquisa Educação Intercultural e Povos tradicionais/CNPq vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, tem como objetivo relatar os atravessamentos, afetamentos e as desconstruções que ocorreram durante o processo de formação no curso de graduação

em História e no PPGE/UCDB, em meio aos estranhamentos causados pelo convívio com os estudantes indígenas. Com uma metodologia voltada à observação participante, o texto procura apresentar os fatos ocorridos com os acadêmicos indígenas, principalmente aqueles relacionados ao preconceito, protagonismo, autoria e representatividade, bem como as construções de conhecimento sobre a História e a identidade indígena.

O ENCONTRO COM O OUTRO

A entrada na universidade é um momento em que nossos posicionamentos se chocam com inúmeros outros, causando-nos um estranhamento inicial. O presente texto, explicita parte desses estranhamentos vivenciados pelos autores, em decorrência não somente do ingresso no ensino superior da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, mas também por caminhar em espaços inter/multiculturais que a universidade, a partir de políticas afirmativas, viabiliza (AGUILERA URQUIZA; NASCIMENTO, 2013).

As inquietações emergiram das relações estabelecidas pelos autores com os estudantes indígenas, mais precisamente com aqueles que estão envolvidos no Programa Rede de Saberes, que se consolidou através das movimentações do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Populações Indígenas (FERREIRA et. al, 2019). O Programa Rede de Saberes, vinculado ao NEPPI, se consolida enquanto uma proposta (da qual além da UCDB, participam instituições como a UEMS, UFMS e UFGD) que visa o ingresso e a permanência de acadêmicos indígenas no ensino superior, oferecendo assistência em diversos aspectos, no tocante seja à assimilação dos conteúdos tratados em sala de aula e em textos de estudo, seja à expansão dos seus recursos de construção do conhecimento: cursos extra de línguas e informática; tutorias de matérias específicas; oficinas de elaboração de projetos e incentivo à participação em grupos de pesquisa; organização de seminários e encontros nos quais a condição de acadêmico indígena é valorizada e colocada em relação com as discussões mais amplas sobre a realidade de suas comunidades (VIANNA et. al, 2014, p. 11).

Esse espaço empírico proporcionou a ambos os autores a oportunidade de desconstruírem algumas concepções distorcidas sobre os povos tradicionais, fruto da modernidade colonial ainda presente do ensino básico à educação superior. A modernidade ainda presente no projeto educacional manifesta o colonialismo por duas dimensões:

De um lado, tem-se a subalternização de identidades coletivas a partir da formulação da noção de raça e de hierarquias de gênero. De outro, há a imposição por parte daqueles que detém a legitimidade da enunciação – os colonizadores – de sua identidade enquanto síntese da humanidade e, assim, como padrão de uma condição Moderna e desenvolvida. É nessa dupla relação que emerge a categoria “outros” para designar os sujeitos que não corresponderiam à identidade hegemônica sintetizada na designação “homem-branco-heterossexual-europeu”. (RAMALHO; LEITE, 2020, p. 5)

Conforme já mencionado em linhas anteriores, às vivências que contribuíram para os estranhamentos e auxiliaram na desconstrução de sentidos e significados, foram realizadas no NEPPI, no curso de graduação em História da UCDB, por meio das disciplinas de História e cultura afro-brasileira, História e cultura e indígena, História do Mato Grosso do Sul, para cumprir com as exigências da lei 11.645/2008¹, assim como, nas atividades desenvolvidas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação. Os estranhamentos, que realizamos, no primeiro momento, corresponde à perspectiva de questionamento do próprio conhecimento, pois o conhecimento construído durante o período escolar foi produzido por um currículo monocultural, que Santomé (2013) bem descreve quando provoca em dizer que,

Convém estarmos cientes de que no sistema educativo atual são muitos os alunos que não se sentem reconhecidos, entre outros motivos porque os grupos sociais, culturais, linguísticos e étnicos aos quais pertencem não existem os conteúdos culturais trabalhados nas escolas e muito menos nos materiais didáticos com os quais realizam suas tarefas escolares. (SANTOMÉ, 2013, p. 226)

Pois, esse modelo curricular apresenta os povos indígenas e suas culturas como algo inferior, marginalizado, estereotipado, preconceituoso e selvagem. É no processo formativo na universidade que observamos, nossos conhecimentos estavam sendo questionados e aos poucos desconstruídos. Conforme as aulas caminhavam nos dávamos conta do quão pouco conhecíamos sobre esses povos. E sem exageros, outrora pouco nos importava conhecer as realidades, culturas, línguas e histórias “outras”.

Diante do momento em que, informações iam aparecendo no cotidiano do curso, uma das experiências realizadas apontou uma tomada de consciência e começa a se perceber indígena sendo falante do Guarani que, segundo Meliá (2008) “Uma língua tem uma história” (p. 70, tradução livre dos autores), por ser descendente de Guarani e de negros. Dialogando com Freire (2000), compreendemos a consciência

[...] do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo mas *com* o mundo e *com* os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. É neste sentido que mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros animais apenas *mexem* nele. É por isso que não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna portanto históricos, (FREIRE, 2000, p. 40).

A partir disto, foi possível olhar seus colegas e enxergar os indígenas, e como diz Castro (2006) que “no Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é. Acho que o problema é ‘provar’ quem não é índio no Brasil” (p. 10), bem como, falar em diferença no contexto da Universidade e das salas de aula como, na sua infância, nos lugares em que transitávamos e transitamos, sendo assim, poder “nomear a diferença em si mesma. A diferença tal qual se apresenta, tal qual a vemos e nos aparece, é aceitar seu surgimento, sua visibilidade,

¹ Lei que visa a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena.

sua mesma aparição ante nós”, (SKLIAR; BÁRCENA, 2015, p. 10, tradução livre dos autores). Portanto, as disciplinas corroboraram para uma tomada de consciência do ser, do saber não saber, assim como, para a sensibilidade do enxergar o “outro” ali outrora invisível e criticamente falando, invisibilizados ao longo de suas formações pessoais e escolares. Sobre as disciplinas em questão na perspectiva do processo de sensibilização à diferença Coelho e Coelho (2012) enfatizam que:

A África, os povos africanos e os povos indígenas deixam de constituir um *borrão* indefinido e alcançam um novo estatuto. Em primeiro lugar, sua história é reconhecida. Os povos africanos e indígenas passam a ser vistos como agentes de processos históricos, da mesma forma que os povos europeus. Em segundo lugar, a África e a América, anteriores à Conquista, ganham contornos específicos. A África, especialmente, passa a ser percebida na condição de continente, com povos, cultura e ambientes distintos. Finalmente, sua participação nos processos de formação da nacionalidade é redimensionada, de forma a destacar a intervenção ativa que tiveram nos processos históricos que demarcam a trajetória histórica brasileira”, (COELHO e COELHO, 2012, p.142).

A partir da tomada de consciência passamos a questionar, onde estavam os povos indígenas no ensino básico na disciplina de História? Em que momento a ideia de um indígena genérico e estereotipado foi construído em nosso imaginário? Em que momento nos foi transmitido a imagem da diferença enquanto algo negativo e problemático, onde estavam as diferenças étnico-raciais-culturais e sociais na disciplina de História do ensino básico? Os negros se fixaram na memória como escravos, em uma visão romântica de sofrimento e final feliz com a simbólica abolição que, tornou a Princesa Isabel (1888) heroína. Assim como Fanon (2008) demonstra quando diz,

[...] o lobo, o diabo, o gênio do mal, o selvagem, são sempre representados por um negro ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário “que corre o risco de ser comido pelo preto malvados”, tão facilmente quanto o menino branco. (p. 130-131)

Da mesma forma, os indígenas ficaram congelados no período da colonização e nada mais. Seus saberes, influência e papel na formação da História foi invisibilizadas junto com a violência e genocídio físico, mental e cultural.

Em um outro momento, transitando entre disciplinas tão provocantes, dois dos autores tiveram a oportunidade de transitar no Centro de Documentação Indígena (CEDOC), sendo a primeira bolsista (2012-2015) e o segundo voluntário (2017-2020). Perpassaram também pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em ambos mantinha um contato direto com acadêmicos, mestrandos e doutorandos indígenas, documentos históricos acerca dos mesmos e leituras teóricas. Teoria, empiria e o próprio encontro com o “outro”. Das teorias que estava bebendo por vezes viram ser questionada, afrontada e outras caírem em xeque ante as falas dos indígenas em conversas informais

como nos eventos científicos, nas aulas e nos encontros que o Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas - NEPI promoviam. A rica experiência em ler a “História oficial” sobre os indígenas e poder ouvir os indígenas contarem sua versão da História. E para além disso, vê-los escrever em artigos, em trabalhos de conclusão de curso- TCC, dissertação e tese.

Os acadêmicos indígenas que circulam pela UCDB compreendem muitas etnias, vários estados do Brasil. São corpos diferentes que transitam, afetam, falam, incomodam mesmo em silêncio. Não são só transitantes no espaço universitário, seus corpos falam, e como falam. Nos ensinaram mesmo quando não respondiam a uma pergunta por fazer parte de um sagrado de sua cultura, ou quando não interrompiam a fala de alguém, ou quando falavam na terceira pessoa, no coletivo, sempre se referiam a seu povo, estavam ali não pelo “eu” mas, pelo “nós”, não pelo “meu”, mas pelo “nosso”.

Assim como, lembram como algumas ideias foram desconstruídas em meio a calorosos debates em sala de aula. Uma de suas colegas assim como outros também indígenas, mas ela era a falante, falava forte, estavam vivendo a retomada da aldeia Buriti/MS, perdiam entes e familiares durante os embates. Tão marcada por uma formação monocultural e neoliberal que não entendiam o porquê de tanta disputa? Para que índio queria terra? Qual o sentido de tanta luta? Eles não deveriam estar preocupados em se adaptar com a vida urbana e de mercado? Pois bem, foram eles, os acadêmicos indígenas, tanto em sala, quantos nos espaços em que se encontravam e nas oportunidades em que podiam falar a ensinou e fez pouco a pouco enxergar algo tão simples ao mesmo tempo que não. Aprenderam o significado da terra, do território para os Terena, assim como, aprenderam que índio quer terra para rezar, para pescar, plantar, colher, dançar e viver sua cultura ali, onde seus ancestrais marcaram e alimentaram a terra, uma questão de pertença, eles pertencem a terra e a terra os pertence, algo indissociável. Qual o problema em querer isso? O problema está na mentalidade neoliberal ao qual nos formaram.

A participação no PIBID permitiu-nos dar conta que, por mais que estudos e buscas conhecer a História e Cultura indígena não seria suficiente ante a complexidade das especificidades étnicas-culturais, uma riqueza que os/as alunos/as queriam conhecer. Bem como, a complexidade de África, africanos, africanidades, povos autóctones, afro-brasileiros e a construção do negro no Brasil, desigualdade, marginalização, inferiorização, racismo, preconceito, estereótipos, gêneros, sexualidades e o quanto os/as alunos/as pediam por informações e conhecimentos e que, por muitas vezes não havia resposta imediata e foi preciso buscar informações e a busca nos orientou à pesquisa.

O pesquisar em si, é algo relevante para com as ressignificações emergidas do contato com os povos indígenas na universidade. Isso porque a investigação nos possibilita mergulhar no campo ao qual se deseja conhecer, sendo este um meio de re/formular suas próprias concepções acerca de um assunto específico, não sendo mais um mero receptáculo de informações construídas e transmitidas sob a ótica dos “vencedores” (SHARPE, 1992).

Enquanto acadêmico recém ingresso, um dos autores teve experiências transformadoras ao entrar na universidade em 2017 e em sala de aula encontrar três acadêmicos indígenas. Ao decorrer das aulas, estreitaram o vínculo passando de colegas de classe a amigos. Por meio dessa proximidade e dos diálogos dela advindos, foi-se quebrando algumas construções trazidas pelo autor, formado por um ensino básico ainda eurocêntrico, como o próprio uso da palavra “índio”, enquanto um termo pejorativo e homogeneizante.

Os acadêmicos indígenas demonstraram o quanto sua comunidade, sua cultura e sua língua são importantes formas de resistência e reexistência. Enquanto sujeitos marcados pela cultura, na academia resistem ao identificarem-se indígenas e realçam a importância e o afeto para com o seu povo, uma vez que, enquanto acadêmicos indígenas, nas palavras do pesquisador indígena Eloy Amado (2017, p. 84), “a única razão de deixar a aldeia e ingressar na universidade é ter a certeza que poderemos nos apropriar desses ‘ditos conhecimentos científicos’ e de alguma maneira usá-los em prol de nosso povo”.

Não somente os diálogos com colegas indígenas, mas do contato com a pesquisa e por meio dela, a realização da leitura de escritos produzidos por esses “outros”, significativamente o atravessou. A partir dos escritos indígenas foi possível compreender que não estavam naquele ambiente por si só, mas que carregavam consigo a comunidade que os geraram.

Realçando o valor de seu povo, os escritos de autoria indígena permitem-lhes reafirmar sua identidade, orgulhosos do caminho percorrido até a contemporaneidade, reconhecendo-se como sujeitos da própria história e que agora podem registrá-la a fim de mostrar a todos que “índio” não é tudo igual, mas que todos querem igualmente o direito de serem indígenas. (SOUZA; FERREIRA, 2020, p. 181)

Dessa maneira, as experiências tidas em proximidade com os indígenas e o com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, foram de relevância ímpar para a reformulação da compreensão dos autores sobre quem são os outros. Mesmo após essa trajetória, não ousamos definir quem são os outros, apenas pensamos agora, sob uma perspectiva desconstruída pelos saberes outros dos povos tradicionais, que também somos os outros deles. Aquilo que nos distingue enquanto sujeitos outros é a diferença, sendo ela também o que nos une, a medida em que não há separação senão as fronteiras que nos foram impostas pela modernidade (BACKES; NASCIMENTO, 2011).

No Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, a experiência se deu mais com os Guarani. Por falar Guarani uma autora do presente artigo pôde se comunicar de maneira diferente com os mestrandos Guarani, houve por muitas vezes aprendizagem acerca da língua, coisas simples que a autora não havia se dado em conta, mas os mestrandos indígenas ensinaram. Sua maneira de ser e estar nas aulas era diferente, sempre os últimos a falar, pausadamente, com

silêncios entre uma frase e outra, tradução talvez? Não, talvez fosse só o tempo de deixar pensar. Por vezes via que a cultura dos Guarani se aproximava da cultura de sua cultura por parte de seu pai. Lembrava seu avô, ele sim falava pausadamente e pensava muito antes de falar. O que mais chamou a atenção da autora foi a interpretação que eles traziam dos textos, sem se prender à teoria, mas sem fugir dela, uma interpretação real, relacionavam os textos com suas experiências cotidianas e culturais, por algumas vezes compartilhavam algo do sagrado de sua cultura.

Caminhando por essas trilhas, apoiados em leituras realizadas na graduação e na pós-graduação, foi possível enxergar sob uma nova perspectiva a passagem dos estudantes indígenas pelo ensino superior. Não mais compreendendo como uma etapa exigida pelo capitalismo como meio de seleção de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, mas sim, como um espaço de resistência; ambiente onde buscam complemento aos seus saberes tradicionais como meio de reivindicar melhorias e direitos para seu povo e seus parentes. Sobre isso, Calderoni e Brand discorrem que os povos indígenas na atualidade, atravessam estes locais com a ideia de que as universidades são “espaços estratégicos relevantes em seus esforços de melhorar suas condições de inserção, diálogo e de enfrentamento nesses novos territórios, sem abrir mão da afirmação de suas múltiplas identidades e projetos de autonomia”. (BRAND; CALDERONI, 2012, p. 88).

Essas mudanças na visão e no pensamento, ocorreram graças ao encontro com os acadêmicos indígenas e não indígenas em um espaço universitário. Adentramos identificando-os como os nossos outros e acabamos por entender que também somos os outros deles. Entretanto, ser um sujeito “outro” não é e nem deve ser entendido como algo ruim. Ser o “outro” coloca em evidência aquilo que nos diferencia enquanto seres dotados de cultura, de subjetividades, de cosmo/visões, as quais nos caracterizam como sujeitos integrantes de contextos macros e micros; sujeitos de nossa própria história.

PALAVRAS FINAIS

O presente artigo, explicita experiências vividas na universidade com acadêmicos indígenas no espaço da graduação e pós-graduação. Amparados em literaturas que aproximam os pesquisadores, ainda em formação, com os povos indígenas, o artigo que parte de reflexões realizadas no grupo de pesquisa Educação Intercultural e Povos tradicionais/CNPq vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, tem como objetivo relatar os atravessamentos, afetamentos e as desconstruções que ocorreram durante o processo de formação no curso de graduação em História e no PPGE/UCDB, em meio aos estranhamentos causados pelo convívio com os estudantes indígenas.

Parte desses estranhamentos vivenciados pelos autores, foram em decorrência não somente do ingresso no ensino superior da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB,

mas também por caminhar em espaços inter/multiculturais na mesma universidade em que, ambos mantinha um contato direto com acadêmicos, mestrandos e doutorandos indígenas de diversas etnias bem como, nos programas e projetos que a instituição oferta assim como, Centro de Documentação Indígena (CEDOC), Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – NEPI, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

Nesse sentido, consideram que os acadêmicos indígenas que circulam pela UCDB compreendem muitas etnias, vários estados do Brasil. São corpos diferentes que transitam, afetam, falam, incomodam mesmo em silêncio. Não são só transitantes no espaço universitário, seus corpos falam, e como falam. Nos ensinaram mesmo quando não respondiam a uma pergunta por fazer parte de um sagrado de sua cultura, ou quando não interrompiam a fala de alguém, ou quando falavam na terceira pessoa, no coletivo, sempre se referiam a seu povo, estavam ali não pelo “eu” mas, pelo “nós”, não pelo “meu”, mas pelo “nosso”. Desta forma, desempenharam um papel fundamental na desconstrução de mentalidade e conhecimentos dos autores, estes construídos a partir de um currículo escolar e cultural monocultural/neoliberal. Afetamentos se não se dão somente nos diálogos com colegas indígenas, mas do contato com a pesquisa e por meio dela, mas também na leitura de escritos produzidos por esses “outros” indígenas, significativamente os atravessam e que, até então provoca um processo contínuo de construção-desconstrução para uma formação sensível e inter/multicultural. Defendemos a potência em garantir essas experiências inter/multiculturais no processo formativo de futuros professores em prol de uma educação que torne viável pensar um novo projeto de sociedade, radicalmente democrático e de “bons viveres”.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA URQUIZA, A. H.; NASCIMENTO, Adir C. **Rede de Saberes** - Políticas de Ação Afirmativa no Ensino Superior para Indígenas no Mato Grosso do Sul. Rio de Janeiro: FLACSO,GEA; UERJ, LPP, 2013.
- BACKES, José Licínio; NASCIMENTO, Adir Casaro. Aprender a ouvir as vozes dos que vivem nas fronteiras étnico-culturais e da exclusão: um exercício cotidiano e decolonial. **Série-Estudos** - periódico do PPGE/UCDB. n. 31, p. 25-34, jan./jun. 2011.
- BRAND, Antônio Jacó; CALDERONI, Valéria A. M. de Oliveira. Povos indígenas e formação acadêmica: ambivalências e desafios. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 85-97, jan./abr. 2012.
- CASTRO, Viveiro de. “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”. Povos indígenas no Brasil: ISA. 2006.
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar. Por linhas tortas – a educação para a diversidade e a questão étnico-racial em escolas da região norte: entre virtudes e vícios. **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, jul.-out., 2012. p. 137-155.

ELOY AMADO, Luiz Henrique. O Despertar do povo Terena para seus direitos: movimento indígena e confronto político em Mato Grosso do Sul. **Movimentação**, Dourados, v. 4, nº. 6, p. 83-104, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. EDUFRA: Salvador, 2008.

FERREIRA, E. M. L.; NOGUEIRA, J. F. S.; SKOWRONSKI, L.; XIMENES, L. G. O compromisso dos Salesianos com os povos originários no Brasil e o trabalho do NEPPI na Universidade Católica Dom Bosco, em Mato Grosso do Sul. in: MACIEL, Josemar de Campos (org). **Missão Salesiana de Mato Grosso: 125 anos de compromisso com a educação, cultura e saberes locais**. Campo Grande - MS: Ed. UCDB, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MELIÁ, Bartolomeu. **Educación indígena y alfabetización**. Acunción, Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch" (CEPAG), 2008.

RAMALHO, Bárbara; LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Colonialidade da educação escolar: aproximação teórica e análise de práticas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 58, p. 1-23, e-22412, out./dez. 2020.

SANTOMÉ, Torres Jurjo. **Currículo escolar e justiça social: o cavalo de troia da educação**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 223- 289.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. in: BURKE, Peter (org). **A Escrita da história: novas perspectivas**; tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SKLIAR, Carlos; BÁRCENA, Fernando. Pensar y sentir las diferencias. Cartas entre la amistad, la incomodidad y el sinsentido. **Revista Teias**, v. 16, n. 40, p. 06-27, 2015 (Diferenças e Educação).

SOUZA, G. S.; FERREIRA, E. M. L. **Protagonismo Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul: autoria indígena como formas de resistência**. IX Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-culturais e Fronteiras da Exclusão. Campo Grande-MS. UCDB/PPGE, 2020.

VIANNA, Fernando de Luiz Brito (org) [et. al.]. **Indígenas no Ensino Superior: as experiências do Programa Rede de Saberes em Mato Grosso do Sul**. 1º ed. - Rio de Janeiro: E-Papers, 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso à cultura 149, 152

Afetamentos 65, 66, 72, 73

Alfabetização 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47

C

Categorias de história oral 11

Cenas musicais 11

Cinismo 75, 77, 84, 85, 86, 87

Consequências pastorais 130, 131, 135

Cultura 1, 3, 4, 9, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 40, 41, 43, 46, 48, 57, 62, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 88, 89, 91, 97, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 119, 121, 125, 127, 131, 140, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 160

Cultura do consumo 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31

Cultura global 23, 25, 27, 30

Cultura moderna 26, 131

Culturas lúdicas 32, 34, 35, 45

D

Deformações imaginárias 75, 77, 80, 81, 82, 83, 86

Desigualdades sociais 25, 46, 103, 107, 117, 121, 127

Diálogo com as ciências 133

E

Empoderamento feminino 121

Encarnação 106, 130, 131, 132, 133, 135, 136

Ensino remoto 13, 32, 34, 39, 40, 44, 45, 46, 138, 141

Entretenimento 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157

Espaço público 109, 111, 112, 114, 115, 116, 130, 131, 133

Espaços 13, 67, 70, 72, 73, 100, 101, 102, 106, 109, 111, 112, 114, 116, 117, 119, 122, 123, 126, 127, 151, 159

G

Gênero 13, 17, 20, 67, 79, 84, 86, 93, 99, 117, 121, 122, 123, 125, 127, 129

Geografia poética 1, 2, 3, 6

H

História oral 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

I

Inclusão 35, 39, 91, 94, 125, 149, 153, 154, 155, 158, 159

Intérpretes 50, 88, 150, 151, 156, 158

L

Legalização e normatização do ensino remoto 32

Lei da libras 151

M

Memória coletiva 11, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Modos de vida 1, 2, 3, 9, 89, 97, 105, 107

Mulheres 4, 16, 68, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Mulheres e resiliência 121, 128

P

Pandemia do Covid-19 32

Pessoas surdas 149, 150, 151, 153, 154, 158

Projetos de ensino 142

R

Redes solidárias 121, 122

Resiliência 121, 122, 125, 126, 127, 128

S

Ser humano 19, 29, 49, 58, 59, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 153

Sociologia da infância 33, 35, 46

V

Vozes juvenis 99

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A cultura em UMA PERSPECTIVA multidisciplinar

- 🌐 www.arenaeditora.com.br
- ✉ contato@arenaeditora.com.br
- 📷 @arenaeditora
- 📘 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

